Um processo de inclusão digital na hipermodernidade

Elisângela F. F. de Mello[1], Adriano C. Teixeira[2]

[1]Centro de Referência de Literatiura e Multimeios – Universidade de Passo Fundo (UPF)
Caixa Postal 611 – 99001-970 – Passo Fundo – RS – Brasil

[2]Curso de Ciência da Computação/Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade de Passo Fundo (UPF)

{elisffm, teixeira}@upf.br

Abstract. *The objective of this text is to explain the concepts of the computer science and citizenship workshops' developed by the Digital Inclusion Project, from the optics of the hipermodernity and through the detailing and analysis of the practical reader "Hipermodernity questions", that happened during the year of 2006 in the University of Passo Fundo.*

Resumo. *Este texto tem por objetivo explicitar o arcabouço conceitual das oficinas de informática e cidadania do Mutirão pela Inclusão Digital, a partir da ótica da hipermodernidade e do detalhamento e análise da prática leitora "Dilemas da Hipermodernidade" realizada durante o ano de 2006 na Universidade de Passo Fundo.*

Introdução

As novas tecnologias de comunicação, principalmente a Internet, estão alterando o comportamento individual e social no mundo todo. Gradativamente, uma nova maneira de se comunicar, e também de se fazer presente dentro da sociedade acontece no ciberespaço.

De uma forma muito mais profunda do que o telefone, o rádio e a televisão, o computador conectado indica que as próximas gerações precisam ter uma postura diferenciada, familiarizada com a comunicação em tempo real entre pessoas distantes no tempo e no espaço. Uma comunicação multidirecional, que a cada ano se torna mais eficiente com o avanço das tecnologias de comunicação síncrona ou assíncrona, consolidando as tecnologias de rede (TR) como formas de acesso a espaços legítimos de interação e comunicação e, em uma dimensão mais ampla, de exercício da cidadania.

Em uma sociedade marcada pela presença das tecnologias, o acesso à Internet torna-se elemento fundamental de inclusão social. Entretanto, é necessário que se reconheça que, em função das grandes desigualdades sociais do Brasil, um número extremamente reduzido de indivíduos possui acesso domiciliar a estes recursos, sendo a escola o principal, senão o único, espaço de contato com tais meios.

É preciso que se reconheça que a falta de acesso à informação referente à utilização de recursos tecnológicos na educação e a pouca infra-estrutura disponível nos ambientes educacionais brasileiros são alguns dos fatores que colaboram para a negação destes espaços pelos professores e para a manutenção de situações de exclusão digital dos alunos.

Salienta-se também, que apesar dos esforços governamentais e de políticas públicas que prevêem a informatização das escolas, ainda há muito que se avançar no que se refere à conexão das escolas brasileiras.

Neste contexto, embora muitos alunos estejam habituados com outras tecnologias como o rádio, a televisão, o telefone celular e, alguns, até ao videogame, estes não possuem computadores em suas casas, realidade que muitas vezes se repete em suas escolas, amplificando sua condição de exclusão digital. Seja pela inexistência do recurso, seja pela carência de propostas de apropriação diferenciada deste espaço.

Com vistas à criação de alternativas de minimização desta situação, a Universidade de Passo Fundo, através de uma parceria entre o Curso Ciência da Computação e o Centro de Referência de Literatura e Multimeios, criou o projeto Mutirão pela Inclusão Digital, cujo principal objetivo é oferecer oficinas de informática e cidadania para crianças, jovens e adultos submetidos a situações de seletividade ou vulnerabilidade social.

Assim, este artigo baseia-se no detalhamento e análise das 18 práticas leitoras que versavam sobre o tema "Dilemas da Hipermodernidade", realizada durante o ano de 2006, com 51 alunos carentes da 4ª série do ensino fundamental da Escola de Ensino Médio General Prestes Guimarães, a partir de um contexto hipermoderno e do conceito de inclusão digital.

1. Os tempos hipermodernos

Contextualizar a sociedade contemporânea é, sem dúvida alguma, um grande desafio, seja pela velocidade pela qual os processos sociais se desenvolvem, pelas constantes transformações impulsionadas por fenômenos sócio-tecnológicos, ou ainda, pela infinidade de elementos que compõem o mosaico multifacetado de relações e interelações sob a qual ela se sustenta e a partir do qual pode ser analisada. Referindo-se a este imbricamento, Augé afirma que:

> Podemos, enfim, falar da contemporaneidade, mas a diversidade do mundo recompõe-se a cada instante: tal é o paradoxo atual. Portanto, é preciso que falemos dos mundos e não do mundo, mas sabendo que cada um deles está em comunicação com os outros, que cada um possui pelo menos imagens dos outros – imagens eventualmente truncadas, deformadas, falsificadas, às vezes reelaboradas por aqueles que, ao recebê-las, procuram nelas os traços e os temas que lhes falam primeiramente deles mesmos, imagens cujo caráter referencial é, no entanto, indubitável, de forma que ninguém mais pode duvidar da existência dos outros. (1994, p.141)

Embora as inúmeras possibilidades de investigação de sua dinâmica e a complexidade da pluralidade de mundos impeçam uma definição suficientemente abrangente, muitos autores têm se dedicado a, cada um a partir de seu ponto de análise, apresentar conceitos que certamente não são conclusivos, mas que efetivamente oferecem indícios preciosos para sua compreensão.

Reconhecendo-se o conhecimento como elemento fundamental na sociedade contemporânea, considerando que a informação está disponível de forma jamais vista até então, e que há uma crescente necessidade de aprimoramento constante dos indivíduos, Fróes aponta que fazemos parte da "Sociedade da Aprendizagem" (2000, p.298). Tal conceituação toma por base o fato de que a informação por si só não constitui conhecimento, sendo urgente que os indivíduos vivenciem processos de aprendizagem, entendidos de uma forma geral neste texto, como a sistematização das informações disponíveis.

Do ponto de vista da cultura, Lemos reflete sobre a organização social contemporânea a partir do conceito de cibercultura, entendido como "forma sociocultural que emerge da

relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias" (2003, p.12). Um contexto que apresenta as novas tecnologias como elementos que interferem diretamente nas manifestações culturais dos indivíduos e grupos a que pertencem, transformando e reconfigurando antigas práticas e manifestações culturais.

O autor explica que "amplificando esta dinâmica está a evolução do computador pessoal desconectado (CP), para o computador conectado à rede (CC), e finalmente, para o computador conectado móvel (CCm)" (LEMOS, 2003, p. 12) que, ao possibilitar uma situação de onipresença aos indivíduos, impõe a resignificação dos conceitos de espaço e tempo.

Buscando estabelecer uma relação com os pontos de análise anteriores, pode-se também analisar a sociedade contemporânea a partir da lógica do mercado. Neste sentido, à medida que as informações disponíveis são produzidas por poucos complexos de comunicação, logicamente, representam reescritas específicas de fragmentos de fatos ocorridos, contribuindo para a criação de um não-lugar, uma suposta "aldeia global", onde, "pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões, como se as particularidades tecidas ao longo dos séculos houvessem sido todas esgarçadas". (SANTOS, 2004, p. 41).

Na mesma direção, Serpa chama a atenção para o fato de que a "inclusão social não é mais a formação do indivíduo cidadão, incluído na cultura nacional e, sim, do indivíduo consumidor, participante desse não-lugar, o Mercado". (2004, p.183).

Nessa dinâmica, são propostos mecanismos que asseguram aos indivíduos condições de manipular as tecnologias de acesso ao novo território através de processos de capacitação que impõem e reforçam a cultura passiva da recepção e da reprodução.

Por meio de um resgate histórico, é possível identificar a íntima ligação existente entre as tecnologias e o estabelecimento de relações de poder e dominação, uma vez que, a serviço dos atores hegemônicos, tradicionalmente têm sido utilizadas para manter os papéis sociais. Avançando nessa perspectiva, as TR representam um aparato fundamental e poderoso, não somente no processo de manutenção de hegemonias, mas na ampliação de situações de dominação e de exclusão.

Tal processo ganha força na medida em que mais do que conectar equipamentos, conectam-se culturas e contextos diferenciados, alargando as possibilidades de trocas e de crescimento sociocultural, mas também criando um novo território, aberto e indefinido, sujeito à manipulação de informações, à imposição cultural, à incitação para o consumo e a influências externas.

Por outro lado, tais tecnologias, cuja lógica subjacente é a das redes, apresentam características essencialmente revolucionárias. Na medida em que trazem em si a potencialidade das estruturas reticulares, as TR permitem uma apropriação diferenciada, pautada na criticidade, na criatividade e na autoria.

Entendidas como produtos sociais que "oferecem a possibilidade de superação do imperativo da tecnologia hegemônica e paralelamente admitem a proliferação de novos arranjos, com a retomada da criatividade" (SANTOS, 2004, p. 8), podem ser apropriadas[1] pelos diferentes grupos sociais, segundo suas próprias culturas e características, num

[1] Salienta-se que o termo "apropriação" é utilizado a partir do conceito de "apropriação social" proposto por Benakouche. A autora aponta que o "processo de aprendizado/domínio dos diferentes grupos sociais com relação aos usos dos objetos técnicos a que tem acesso. [...] faz-se de forma diferenciada entre sociedades e grupos de uma mesma sociedade". Disponível em: www.alternex.com.br/~esocius/t-tamara.html

movimento de valorização de diferenças, de produção de conteúdo e de estabelecimento de processos comunicativos e colaborativos.

Tal possibilidade vai ao encontro das reflexões que Lipovetsky faz acerca da hipermodernidade que aponta para "uma ampliação do ideal do igual respeito, de um desejo de hiper-reconhecimento que, recusando todas as formas de desdém, de depreciação, de inferiorização do eu, exige o reconhecimento do outro como igual na diferença". (2004, p. 95)

Neste sentido, é possível antever a formação de um novo tempo, onde diferentes culturas e interesses são colocados lado a lado, impondo aos indivíduos a necessidade de um profundo (re)conhecimento de si mesmos, de suas raízes e de suas características a fim de que possam, neste novo espaço, exercer sua cidadania.

2. Inclusão digital e cidadania

A democratização do acesso a estes espaços digitais de aprendizagem deve ser para todos e, principalmente, responsabilidade de todos. Empresas, universidades públicas ou não, precisam articular políticas e ações com vistas a possibilitar que toda a população tenha acesso às novas tecnologias e as utilize para se comunicar, com o cunho de estabelecer redes de relacionamento e colaboração onde exista troca de experiências e nas quais os indivíduos se sintam responsáveis e participantes.

> Assim, propõe-se o alargamento do conceito de inclusão digital para uma dimensão reticular, caracterizando-o como um processo horizontal que deve acontecer a partir do interior dos grupos com vistas ao desenvolvimento de cultura de rede. Numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para, a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural. (TEIXEIRA, 2005, p. 30)

Neste sentido, inclusão digital não consiste no simples acesso ao computador ou à Internet, nem tampouco na reprodução de cursos de cunho profissionalizantes, mas sim, na proposta de atividades que considerem os recursos das novas tecnologias como fomentadores de autonomia e protagonismo. Desta forma, inclusão digital aponta para uma dimensão que privilegia a forma de acesso, não somente o acesso em si, e que tem como base e finalidade a construção e a vivência de uma cultura de rede[2] como elemento fundamental para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea.

2.1. O Mutirão pela Inclusão Digital

É neste contexto que em 2004 o Projeto Mutirão pela Inclusão Digital iniciou suas atividades, aprofundando uma parceria já existente entre o Curso de Ciência da Computação (CCC) e Centro de Referencia em Literatura e Multimeios (CRLM), ambos da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Salienta-se que, mais do que o estabelecimento de uma atividade adicional e conjunta, a iniciativa representava o necessário e natural imbricamento das concepções e propostas práticas destes dois grupos, dadas as características e demandas da sociedade contemporânea, profundamente modificada pelas TR e carente de propostas de inclusão na perspectiva deste texto.

[2] Tal cultura pressupõe processos de autoria horizontais e colaborativos, baseados na comunicação multidirecional e no auto-reconhecimento como nó de uma rede que, como tal, deve, necessariamente, romper com a lógica da distribuição imposta, como é possível verificar no fenômeno do software livre, manifestação genuína desta cultura. (TEIXEIRA, 2005, p.12)

O objetivo principal do projeto é de se criar um ambiente onde seja possível incentivar o desenvolvimento de sujeitos habilitados a *ser* e *estar* no Ciberespaço, tendo como público alvo alunos de escolas públicas do Bairro São José, região onde se encontra o Campus Central da Universidade de Passo Fundo[3].

Considerando-se os elementos conceituais norteadores do Mutirão pela Inclusão Digital, adotou-se o Kit escola livre – Kelix[4] como o sistema operacional padrão das propostas do projeto. O Kelix consiste em uma distribuição Linux desenvolvida pelo Curso de Ciência da Computação para iniciativas de informática educativa e de inclusão digital.

Os encontros, denominados Oficinas de Informática e Cidadania, contam com o acompanhamento do grupo de alunos e professores do CCC e, geralmente, com os professores das turmas, à medida que se reconhecia a co-responsabilidade e a importância do envolvimento da escola e de seus professores em iniciativas de Inclusão Digital na perspectiva proposta na experiência.

As oficinas possuem por objetivo, proporcionar o domínio em ferramentas computacionais aos envolvidos através do desenvolvimento de atividades interdisciplinares que culminem na produção de um material de qualquer natureza reprodutível em meio digital. Para tanto, foi necessário desenvolver atividades que despertassem o potencial criativo dos indivíduos em uma dinâmica de apropriação das tecnologias digital como elementos colaborativos, comunicacionais e de exercício da cidadania.

2.2. A oficina como alavanca para a formação de leitores hipermidiais

O Centro de Referência de Literatura e Multimeios[5], desde sua criação em 1997, desenvolve suas atividades em prol da formação de leitores multimidiais. O serviço realizado diariamente no Centro, com práticas leitoras durante as visitas agendadas de escolas, abrange Passo Fundo e região, sendo uma das atividades desenvolvidas no espaço que contribui para a formação de leitores de todas as idades.

As práticas leitoras que são oferecidas no Mundo da Leitura para diferentes níveis de ensino, desde educação infantil até ensino superior, baseiam-se em um tema gerador anual. No início de cada ano elaboram-se práticas conforme a faixa etária dos alunos. Nesta dinâmica, explana-se o tema com a utilização de diferentes suportes e linguagens: livros de literatura, histórias em quadrinhos, ilustrações, obras de arte, música, teatro, contação de histórias, CD-ROM e Internet.

Em 2006, buscou-se uma nova proposta para as oficinas do Mutirão pela Inclusão Digital. A partir do tema Dilemas da Hipermodernidade[6], utilizado nas práticas leitoras de 2006 no Mundo da leitura, optou-se em desenvolver o mesmo tema nas oficinas.

O objetivo das oficinas, que aconteceram semanalmente, com duração de três horas, foi resgatar a identidade dos alunos a partir do contexto em que vivem e realizar atividades onde os mesmos pudessem assumir o papel de leitores e autores. Para viabilizar as oficinas, os alunos e professores saíram do ambiente da escola, que não possuí computadores, e foram até a Universidade de Passo Fundo para vivenciarem práticas leitoras hipermidiais.

[3] Localização Google Earth: 28º13’58.79” S 52º22’54.64 W

[4] Mais informações em http://kelix.upf.br.

[5] Mais informações em http://mundodaleitura.upf.br/

[6] O termo hipermodernidade é utilizado por Gilles Lipovetesky para denominar o tempo que estamos vivendo. Segundo Lipovetsky “a pós-modernidade não terá sido mais do que um estágio de transição, um momento de curta duração. E este já não é mais nosso.” (2004, p.58)

A importância dessa oficina está associada à possibilidade de que os alunos, ao assumirem uma postura de leitores, perceberam as possibilidades de realizar não somente a leitura de um texto, mas de uma imagem, de uma música ou de um filme. Não se teve a intenção de valorizar um suporte específico, mas mostrar que um mesmo texto pode ser adaptado para mídias diferentes e que estes podem se interligar entre si e com outros textos, dentro de uma dinâmica hipermidial. Neste sentido, Silva aponta que "a hipermídia conta com as opções de escolha da multimídia 'linear', mas nesse caso o usuário dispõe de uma estrutura hipertextual, pela qual pode mover-se com autonomia não só para combinar os dados, mas para alterá-los, para criar novos dados e para criar novas rotas de navegação". (2001, p.147)

Vivenciou-se tal situação durante as oficinas, pois se apresentou textos, utilizando uma respectiva mídia, e com a Internet, eles tiveram ao seu alcance, inúmeras outras formas de representação.

Com as oficinas, além de participarem de uma atividade onde a utilização da tecnologia foi constante, conheceram gradativamente textos literários de diferentes autores, que auxiliaram em sua formação como leitor/autor.

Na definição do tema e da dinâmica das oficinas, ao tempo em que se considera a importância da inserção de alunos e professores no mundo virtual, observou-se a necessidade do resgate da história de cada um, da história do bairro, além do levantamento de valores importantes para o grupo e a identificação de situações prejudiciais ao convívio na comunidade.

Neste sentido, optou-se em realizar práticas leitoras com assuntos referentes à realidade do público envolvido, mas relacionados com o tema "Dilemas da Hipermodernidade". Para tanto, durante o desenrolar das oficinas, explanou-se sobre os seguintes sub-temas: *Eu e os meus gostos*, *Eu e a minha família*, *Eu e os meus amigos*, *Eu e a escola*, *Eu e a comunidade*, *Eu no mundo* e *Eu no mundo frente aos problemas ambientais*.

As primeiras oficinas englobaram os dois primeiros sub-temas, resgatando a história de cada um, na busca de que se conhecessem e valorizassem a sua história de vida. Neste processo, perceberam como seus avós viveram sem as influências incisivas dos meios de comunicação, que ditam a moda na sociedade contemporânea, fato característico da hipermodernidade.

Na pesquisa sobre as origens familiares, os alunos buscaram informações em sites de busca e com os parentes, para, posteriormente, redigir os fatos que julgaram mais importantes. Começaram a contar a sua história, a partir da coleta de dados, atribuindo às descrições suas próprias marcas. A história que se escutou ou se pesquisou, deixou de ser a mesma, passou a ter um novo autor que provavelmente omitiu detalhes, mas escreveu o que mais lhe interessava.

Paralelamente ao trabalho de valorização da história da comunidade e do resgate da identidade, garantiu-se que todos os participantes tivessem sua referência no ciberespaço através de uma conta de e-mail.

O e-mail viabilizou o contato com outras pessoas, uma associação proposta semelhante a terem um endereço residencial fixo para receberem e enviarem correspondências, utilizando o serviço convencional dos correios. A possibilidade dos alunos poderem dialogar livremente com outros colegas, familiares residentes em outras cidades, sobre a sua própria vida e seus interesses através da Internet, foi um dos momentos fortes de apropriação da tecnologia como ambiente comunicacional e de autoria por parte das crianças.

Através da articulação de atividades durante o projeto, viabilizou-se a formação de uma rede de conhecimento solidária, criando-se o hábito de trocar informações utilizando os recursos tecnológicos disponíveis. Praticando a democracia e o respeito pela opinião do outro, aprenderam a realizar trabalhos e discussões em grupos de forma presencial e/ou virtual, fato determinante para que todos se sentissem pertencentes ao grupo, componentes de uma rede complexa de sentidos e significados.

A proposta de formar cidadãos, participantes de uma rede, capazes de sugerirem iniciativas para solucionar problemas do meio em que vivem foi alcançada. Por exemplo, enquanto aconteceram as oficinas que enfatizaram a relação *Eu e os meus amigos* e *Eu e a escola*, o grupo detectou situações desagradáveis no ambiente escolar e se organizou com o intuito de criarem melhorias ao ambiente.

A atividade revelou o comprometimento com a comunidade e uma mudança de postura por parte do grupo, na medida em que perceberam que as situações de violência eram prejudiciais, criavam rivalidade entre as turmas e estavam destruindo o patrimônio escolar.

Nesse sentido, o projeto auxiliou na organização de idéias comuns, sobretudo de convivência dos indivíduos que compartilham não só o mesmo território, mas os mesmos interesses e necessidades.

Ao se trabalhar os sub-temas *Eu no mundo* e *Eu no mundo frente aos problemas ambientais*, as situações de descaso com a natureza e os graves problemas ambientais, noticiados diariamente pela imprensa, foram debatidos. Na busca de estabelecer novos diálogos, buscou-se a participação de biólogos para a análise do meio onde eles viviam, com os quais se interagia presencialmente, mas também a partir dos recursos de comunicação de rede disponíveis.

Também se levantou a questão dos problemas ambientais da região Sul do Brasil e foram propostas possibilidades de mudança de atitudes que viabilizariam a conservação e proteção do meio ambiente. Situações quotidianas prejudiciais à natureza foram citadas pelos biólogos durante uma palestra que aconteceu em uma das oficinas e impressionaram os alunos que postaram suas memórias em um *blog* comunitário[7].

2.3. Interagindo de forma colaborativa

A sociedade precisa assumir que as pessoas ao serem incluídas digitalmente precisam reconhecer o real sentido do uso das tecnologias na condição de cidadãos do mundo. Utilizar a Internet não é suficiente para tornarem-se protagonistas no ciberespaço.

Nas oficinas, foram viabilizadas possibilidades de interação. Alunos que sentiam dificuldades de expressão oral, conseguiram na Internet contribuir no *blog* comunitário e nas conversas realizadas em *chats*, estabelecendo assim redes de colaboração, fazendo sua voz ser ouvida. Nesse sentido, incentivou-se a produção de *blogs* individuais e a constante participação no *blog* comunitário, com o intuito de eles exercerem os seus direitos como cidadãos, dando opiniões e se sentindo parte do grupo. Neste sentido, Chartier afirma que

> "o sonho de Kant era de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições do seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação de impressos encontra hoje, um suporte poderoso com o texto eletrônico." (1998, p.134).

A interação no ciberespaço deixou os alunos curiosos, que queriam descobrir, investigar e participar. Houve o cuidado em se enviar e-mails semanais para os alunos e, aos

[7] www.inclusaoupf.blogspot.com

poucos, lhes apresentar outros recursos da rede: criação e envio de e-mail, participação em *blogs*, pesquisa em sites de busca, participação em fóruns e *chats*. Tal dinâmica proporcionou o reconhecimento das diferentes possibilidades para participarem, e conseqüentemente exercerem a autoria e se apropriarem da tecnologia, como ambiente comunicacional. Estas idéias estão explicitadas nos depoimentos dos alunos postadas no *blog* comunitário:

> *Eu não gostei da charge que eu e o meu grupo lemos porque as pessoas queriam mais o dinheiro do que a natureza mas tem muitas pessoas que acham que o dinheiro compra tudo e estão devastando a natureza por dinheiro. Marcos* (postagem realizada após a leitura de charges na rede)

> *Eu gostei muito das coisas que aprendi como: fazer o meu e-mail gostei dos professores e também gostei muito de jogar. Michael* (opinião do aluno sobre as oficinas)

Apesar de estarem interagindo, na maioria das vezes com os colegas da mesma escola, a relação estabelecida era diferente, eles quiseram participar das atividades, expressar a opinião e verificar que o seu nome estava no fórum, no *blog* e se certificaram com os colegas se haviam recebido os e-mails enviados.

Dentre todas atividades, receber e enviar e-mails foi o grande destaque das oficinas, a emoção de enviar e saber que os colegas receberam o texto, a utilização de um *smiley* ou a inserção de imagem, motivava os alunos a escreverem cada vez mais. Era um recurso que possibilitou e fomentou a troca entre o grupo, criando assim uma nova rede de relacionamentos e interesses. Uma rede, na qual o objetivo principal era se comunicar, reconhecer, externar o que sentiam e ver que o seu e-mail era valorizado pelo colega.

O correio eletrônico contribuiu para as crianças ganharem autoconfiança, foi um ambiente que eles dominavam, deixavam o *layout* da caixa de entrada de acordo com as suas preferências e enviavam e-mail conforme o interesse e afinidade com os colegas.-

No período em que ocorreram as oficinas "Dilemas da hipermodernidade" não foi possível construir um texto coletivamente. Por falta de amadurecimento dos alunos, não se conseguiu que a prática de escrita fosse realizada em conjunto, sem antes se reunirem e conversarem sobre o texto. Porém, as crianças colaboraram num texto proposto pelo site governamental Plenarinho[8], de continuar a historia sugerida por um autor. O texto de três alunos participantes da oficina foram escolhidos e publicados no site.

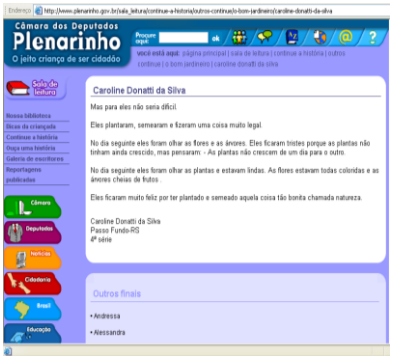

Figura 1. Texto de aluno publicado em www.plenarinho.org.br

Utilizando as TR, os alunos se sentiram parte do novo espaço, ali não importou a situação financeira ou se eram melhores alunos na escola, todos tinham o seu espaço na Internet e o utilizaram como lhes agradou.

[8] www.plenarinho.gov.br/sala_leitura/continue-a-historia/outros-continue/o-bom-jardineiro/caroline-donatti-da-silva

É importante destacar que a participação na Internet vivenciada pelos alunos, potencializou também a oralidade. Nos primeiros encontros, alguns alunos tiveram receio de expor suas idéias, mas no decorrer do ano, as crianças perceberam a importância de conversarem para chegarem a uma conclusão com o grande grupo e começaram a participar.

Também o fato de um aluno auxiliar o outro durante as oficinas foi significativo, freqüentemente, alguém descobria algo de novo e repassava aos colegas ou ainda, os que tinham mais facilidade auxiliavam os demais. Essa é a dinâmica própria de uma rede, onde os diferentes nós estão em constante movimento comunicacional no sentido de aprimorar a própria estrutura reticular da qual fazem parte.

3. Considerações finais

Ao se pensar no tema das oficinas, e na experiência realizada, intuiu-se que a internet seria o recurso principal para todas as atividades, que ela potencializaria o contato entre alunos, monitores e professores, e também com os outros agentes conectados.

Em decorrência de a tecnologia estar presente em todos os lugares, e como o fenômeno das conversas virtuais e dos jogos em rede se intensificou significativamente, soube-se que, por experiências em oficinas anteriores, os alunos teriam interesse pelas possibilidades da rede. No entanto, desejou-se que o resgate da identidade dos participantes acontecesse, que eles se sentissem parte daquela rede como protagonistas e não apenas espectadores.

Apesar de reconhecer que a Internet já exerce atração, foi um dos objetivos, fazer com que os alunos amplificassem, a partir das atividades suportadas pela rede, a importância de suas próprias vidas, da sua família, de suas origens. Isso, especialmente em um contexto hipermoderno, em que é fundamental o compartilhamento espontâneo de histórias, costumes, cultura e opiniões sobre os problemas atuais.

Nesta dinâmica, visualizou-se o potencial do ciberespaço como "um ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo do conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando coletivização dos saberes". (LEMOS, 2004, p.135).

A troca de saberes, neste caso, ocorreu espontaneamente, os alunos acessavam os *blogs* comunitário e individuais, muitas vezes por curiosidade, para ver como o colega escreveu e o quanto escreveu, sem a intenção de aprender algo ou de obter informações. Porém, era exatamente o que ocorria após a leitura, quando percebiam a escrita errada de uma palavra, ou ao lembrar de fatos mencionados durante o encontro, desapercebidos ao colocarem seu relato na rede.

Nas oficinas, alunos de 10 a 12 anos, utilizando os recursos da tecnologia, se comunicaram, trocaram idéias, geraram conhecimento coletivo e criaram uma postura de compartilhamento e socialização das informações. Acredita-se que, apesar dos textos publicados se tratarem de pequenos comentários sobre uma obra lida ou sobre uma atividade realizada, refletem a iniciação dos alunos como autores.

Através das oficinas, buscou-se que cada aluno fosse um nó ativo das redes que se formaram, virtualmente ou não, motivo pelo qual se proporcionou, além de participações em blogs, chats e fóruns, conversas presenciais, a criação de textos e desenhos em recursos convencionais.

Observa-se que os alunos que ganhavam autonomia, sentiam-se capazes de utilizar os recursos sem o auxilio dos monitores, bastando um convite para que eles participassem das

atividades propostas. Postar uma mensagem, enviar um e-mail passou a fazer parte da vida dos alunos enquanto estavam em contato com a rede.

A partir das práticas leitoras hipermidiais, teve-se um retorno acima do que se esperava dos alunos em relação à autoria, ao se explanar determinados assuntos, os alunos se sentiam capazes de discorrer sobre o que haviam conversado e, conseqüentemente, tinham interesse em compartilhar com os colegas os fatos que consideravam importantes.

Por fim, aponta-se que nesta experiência, criou-se um ambiente colaborativo, onde os alunos tiveram contato com diferentes tipos de textos e vivenciaram experiências como autores e colaboradores desta grande rede denominada Internet.

4. Referências

Augé, M. (1994) "Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade". Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus.

Benakouche, T.(2005) "Fatores sociais e culturais na utilização diferenciada de redes eletrônicas no Brasil: notas para discussão", www.alternex.com.br/~esocius/t-tamara.html, Maio.

Fróes, T.(2000) "Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século". In: LUBISCO, Nídia M. L. et al. Informação e informática. Salvador: EDUFBA.

Lemos, A.(2003) "Olhares sobre a cibercultura". Porto Alegre : Sulina.

Lemos, A.(2004) "Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea". Porto Alegre: Sulina. 2.ed.

Lemos, A.(1993) "As tecnologias da inteligência". Rio de Janeiro: Editora 34.

Lemos, A.(1999) "Cibercultura". São Paulo: Editora 34.

Lévy, P. (1996) "O que é o virtual?" São Paulo: Editora 34.

Lipovetsky, G. (2004) "Os tempos hipermodernos". São Paulo: Bacarolla.

Morin, E. (2003) "Os sete saberes necessários à educação do futuro". 8. ed. São Paulo: Cortez.

ROGER, Chartier (1998). A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP.

Santos, M.(2004) "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal". São Paulo: Record.

Serpa, F. (2004) "Rascunho Digital: Diálogos com Felippe Serpa". Salvador: Udufba.

Silva, M.(2001) "Sala de aula interativa" 2.ed. Rio de Janeiro: Quartet.

Teixeira, A. C.(2005) "Formação Docente e Inclusão Digital: a análise do processo de emersão tecnológica de professores. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Teixeira, A. C.(2002) "Internet e democratização do conhecimento: repensando processo de exclusão social". Passo Fundo: UPF.